

A HORA QUE PASSA

A "Lei de Imprensa" é a negação do princípio de Liberdade e a nota oficiosa um perfeito achincalhamento

Publicamos, noutro lugar, as principais prescrições da famosa lei da imprensa com que o sr. Manuel Rodrigues Júnior, numa hora tórra, ministro da justiça, apresentou a sua candidatura à imortalidade — à imortalidade da repulsa.

Neste, nos prestamos a publicar na íntegra uma nota oficiosa que é modelar como hipocrisia e zombaria que um perseguidor usou para se divertir à custa das suas vítimas:

Não é verdade que o diploma aprovado em Conselho de Ministros seja atentatório da liberdade de imprensa, pois se inspirou no direito dos países cultos e livres e nas tradições do nosso próprio direito.

Assim:

1.º A Lei mantém o sistema repressivo e não o preventivo;

2.º Quanto aos crimes de liberdade de imprensa a Lei mantém a enumeração e qualificação anterior;

3.º Quanto aos responsáveis manteve-se o estabelecido na legislação anterior e considerou-se o director como cúmplice, mas estabeleceu-se a forma de de exonerar desta responsabilidade. A cumplicidade do director é uma consequência lógica dos princípios estabelecidos no Código Penal, devendo notar-se que em algumas legislações de povos cultos e livres o director é considerado sempre como principal responsável e o autor do artigo como cúmplice, isto é, precisamente o inverso do que se consignou na nova Lei numa orientação mais benvolvida.

4.º Quanto ao julgamento, manteve-se o juri para os delitos propriamente de opinião, mas excluiu-se a sua intervenção nos crimes que atacam as bases fundamentais do Estado, e nos delitos comuns e em harmonia com a generalidade das legislações europeias e americanas. E, em relação a estes últimos o seu julgamento foi confiado a um tribunal colectivo, devendo notar-se que em países de tradições acentuadamente liberais o mesmo critério se adopta em termos mais restritivos ainda do que os consignados na nova Lei de Imprensa.

5.º Pretendeu-se organizar um júri, que estivesse à altura da função social, que lhe é confiada e que manifestamente não podia ser desempenhada pelo júri comum.

6.º O direito de resposta é um princípio consignado em todas as legislações liberais e em algumas delas é garantido com maior amplitude do que a estabelecida na nova Lei de Imprensa. De resto, este direito existia, em princípio, nas leis anteriores: simplesmente os processos nela estabelecidos eram ineficazes para garantir o que não sucede na nova Lei.

7.º A imprensa desempenha uma alta função social de orientadora da opinião pública e de inspiradora das reformas a efectuar. A nova Lei coloca a imprensa em condições de desempenhar com eficiência esta dupla função e as restrições que estabelece destinam-se a evitar que ela se desvie do seu fim.

8.º Em certos casos permite-se a apreensão das publicações; mas todos esses casos já estavam estabelecidos na legislação em vigor que era disperso e se reuniu toda num artigo da nova Lei.

* * *

Diremos, à guisa de prefácio, que a lei de imprensa representa, claramente, um incitamento perigoso e atentatório da segurança do Estado. Um jornalista tem o dever, que é reconhecido pela Constituição deste regime a todas as pessoas sem distinção de ideias ou de categorias sociais, de resistir às medidas governamentais que sejam atentatórias dos princípios nela consignados.

Além disso, a imprensa é o maior reduto da liberdade. O abandono desse reduto implicaria a vitória completa dos nossos mais tradicionais e ferozes inimigos. Ora a liberdade é eterna, e a tirania, transitória — e o que é transitória não pode esmagar o que é eterno.

A lei da imprensa é, acentuamo-lo, essencialmente uma provocação do poder constituído destinada a fazer sobre os jornalistas o mesmo efeito do que o trapo encarnado sobre os toros que se correm nos bárabatos espectáculos do Campo Pequeno.

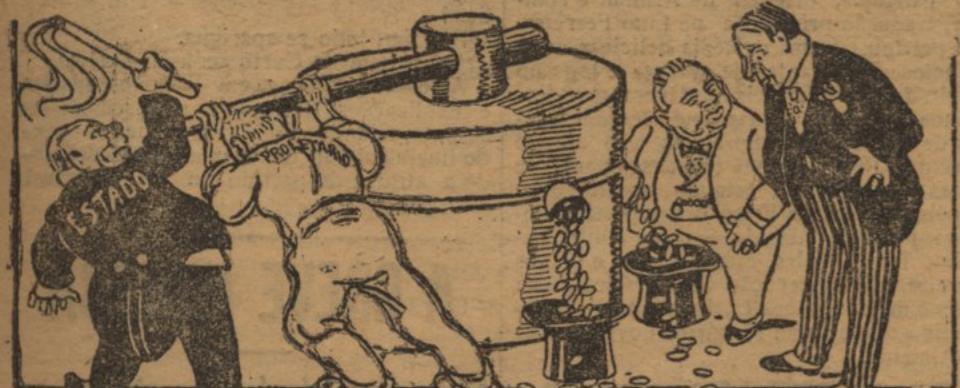
* * *

Dissemos que estas nossas considerações iam à guisa de prefácio. De facto ainda não estamos hoje refeitos do sentimento de repulsa que nos provocou esta lei tão essencialmente um mostrengue que nem sequer conseguiu obter a aprovação doutro mostrengue — o jornal *A Epoca*. Ficamo-nos hoje nas nossas apreciações por alguns ligeiros comentários à nota oficiosa com que o ministro da justiça entendeu dever insultar-nos, simulando acreditar que os jornais são escritos por jumentos dumha ignorância tão espessa como a dos selvagens das ilhas do Honolú.

A lei de imprensa e a nota oficiosa além de serem dois documentos essencialmente odiosos, são dois documentos fundamentalmente cobardes, pelo excepcionalíssimo momento em que foram publicados. A censura maniata-nos — e nesse momento que a lei surge a afrontar-nos e a nota oficiosa aparece a insultar-nos.

Todo o acusado tem, antes da sentença, o direito de defesa, relativamente amplio. A lei, que é uma sentença que incide sobre nós a prazo curto para o seu cumprimento, não nos permite a defesa, porque a censura, militar, impiedosamente militar, impede-nos a defesa — *in extremis*.

Recorda-nos aquele anedótico e grotesco caçador de feras que só as abatia a tiro quando as surpreendia em pleno sono. O sr. ministro da justiça tem a invulgar coragem desse caçador com a cruel diferença de brincar com as suas vítimas dizendo-lhes que a sua lei não é atentária da liberdade de imprensa — no momento em que a censura nos suprime, colidicamente, essa mesma liberdade.



NOTAS & COMENTARIOS

Um pântano

Lisboa, de noite, oferece ao notívago todas as suas baixezas morais. Dos clubs chics aos bas-fond cittadinos esparrinha lama que nos conspurca a alma. Não queremos referir-nos a todos esses pântanos porque não desejamos que o leitor seja atingido pelas suas fezes. Falamos hoje apenas de um, com viver no centro da cidade e dele irradiarem emanações que nos escalam a sensibilidade. Esse pântano é conhecido pelo "Solar de São Domingos". É uma fossa onde chafurdam todas as madrugadas, meretrizes cosidas pelas sifilis e "souteneurs" de trágicas expressões. Rara é a noite em que as desordens, as escenas de facadas não provocam a intervenção da polícia. As orgias pagas são tão frequentes como na velha Roma e por vezes têm exteriorizadas na rua, atingindo o transeunte que pacatamente recolhe a casa. A extinção daquele pântano seria uma medida de protecção social com que não deixariam de concordar todos que pela higiene social têm um alto critério.

O espírito de sacrifício

Realizou-se na cidade norte-americana de Iowa, num lazareto de pestíferos, um casamento de amor. Os doentes eram católicos e a cerimónia do casamento foi efectuada por um padre, por um padre que a oficina postado a cinquenta metros de distância, a fim de evitar o perigo de ser contagiado.

Ocorreu-nos agora perguntar onde está a caridade e o espírito de sacrifício que, segundo as Novidades, são o apêndice dos ministros de Deus. Temos várias vezes tratado com pessoas atacadas de doenças incuráveis e altamente contagiosas como a lepra, por exemplo, e no cumprimento do nosso dever nunca tivemos um receio tão grande nem um cuidado tão excessivo com

filaxia social com que não deixariam de concordar todos que pela higiene social têm um alto critério.

Um padre babá

Dum jornal em língua portuguesa que se publica na América do Norte passamos a reproduzir a seguinte e edificante notícia:

"O rev. Ingraham, da igreja de Calipatria, na Califórnia foi preso, enquanto transportava um jarro de 2 galões de aguardente, líquido que ele declarou ser "vinho" necessário para a celebração das cerimónias sacramentais.

O juiz sentenciou-o a quatro meses de cadeia, por ser tão "verdeadero" e pouco a

da lepra, por exemplo, e no cumprimento do seu dever nevera tivemos um receio tão grande nem um cuidado tão excessivo com

filaxia social com que não deixariam de concordar todos que pela higiene social têm um alto critério.

As cerimónias da igreja fazem-se com vinho e não com aguardente. Trata-se, portanto, dum padre que usava e abusava das

9€50

A GUERRA SOCIAL DE HOJE

Os exemplos e as consequências da greve geral inglesa

Lançando um rápido olhar sobre o balanço da greve geral inglesa, logo verificamos das lições políticas e sociais que se desprendem de tão extraordinário fenômeno social.

Todavia, uma primeira constatação se impõe: uma larga e intensa solidariedade de classe. A massa operária respondeu sem hesitar ao chamamento de greve geral. A burguesia média e a burguesia rica responderam em massa ao chamamento do governo.

Uma outra constatação é a divisão do povo britânico em três fraccões. A fraccão operária, ou proletária, está em face da fraccão mais ou menos capitalista. Uma outra fraccão, a mais numerosa, mostra-se em altitude neutral, mas simpatizando com os operários, aos quais considera, não como grevistas, mas como cidadãos que reclamam um salário que lhes permita viver tranquillamente.

A fraccão neutral surge principalmente da burguesia mais ou menos religiosa, consciente as directrices que lhe dão os clérigos anglicanos e metodistas.

O clérigo católico toma, por si, partido a favor do governo, porque o considera representativo da autoridade, cujo respeito, por fás e por nefas, é a principal característica.

A fraccão neutral surge principalmente da burguesia mais ou menos religiosa, consciente as directrices que lhe dão os clérigos anglicanos e metodistas.

Constatou-se ainda que o governo se lança no conflito, indo até precipitá-lo, colocando-se ao lado dos capitalistas. Forneceu-lhes as armas, que eles procuraram usar, em seu proveito e segundo as suas noções.

Esta constatação corroborou todo o ensino de Pyrrhus. Uma vitória como a de Charleroi, cuja consequência foi sómente o kach de outubro de 1918.

A guerra social de hoje é uma guerra de usura, como o foi a guerra mundial. Os dirigentes e os governantes felicitaram-se por sua vitória, tal qual faziam o Kaiser, os seus generais e capitalistas. Os mais habéis e os mais inteligentes parecem os mais estúpidos e os mais idiotas quando exercem o poder. Não compreendem da psicologia da massa humana! Não é com a força e escravidão, mas com o amor e a justiça que pacificamente se governam os homens.

A derrota da greve geral não foi, efectivamente, uma grande vitória do governo e do capitalismo. Ou, se se quere que seja uma vitória, não será mais que uma vitória de Pyrrhus. Uma vitória como a de Charleroi, cuja consequência foi sómente o kach de outubro de 1918.

A guerra social de hoje é uma guerra de usura, como o foi a guerra mundial. Os dirigentes e os governantes felicitaram-se por sua vitória, tal qual faziam o Kaiser, os seus generais e capitalistas. A classe capitalista apercebe-se há, também, de que está semeando muito ódio. A colectividade será funesta. Apesar, uma questão de tempo.

A cessação da greve geral não foi, efectivamente, uma grande vitória do governo e do capitalismo. Ou, se se quere que seja uma vitória, não será mais que uma vitória de Pyrrhus. Uma vitória como a de Charleroi, cuja consequência foi sómente o kach de outubro de 1918.

A guerra social de hoje é uma guerra de usura, como o foi a guerra mundial. Os dirigentes e os governantes felicitaram-se por sua vitória, tal qual faziam o Kaiser, os seus generais e capitalistas. A classe capitalista apercebe-se há, também, de que está semeando muito ódio. A colectividade será funesta. Apesar, uma questão de tempo.

A derrota da greve geral, tem de se concluir que o assalto ao poder político é a condição sine qua non da emancipação do proletariado. Se quiser libertar-se do dízimo que paga ao capitalismo, deve assaltar o poder político, quer pela via legal, quer pelo vicio revolucionário. O terceiro Estado libertou-se, quanto quis, do poder político, tem de ser seguido este exemplo.

Deduz-se geralmente que a derrota desta greve geral foi indecisiva, sem valor, porque jamais uma greve com tal amplitude pode lograr êxito. Juígo que nessa dedução não se deve ter em conta todos os elementos.

Deu-se uma luta de classes inconfundível, fenômeno que se operou instintivamente, por isso que a derrota da greve geral é sómente o kach de outubro de 1918.

Ora, a derrota da greve geral, tem de se concluir que o assalto ao poder político é a condição sine qua non da emancipação do proletariado, talvez a sua morte, real, definitiva. Lord Asquith, lord Grey, sir John Simon, e outros leaders, por instinto de classe, vão para a direita, para os conservadores. Lloyd George, filho de um professor aldeão, levado por igual instinto de classe, mais ainda do que pela sua habilitade de velho raposo político, vai para a esquerda, para os trabalhistas.

Os homens supõem escolher livremente as suas direções e praticar actos seus, quando não são senão movidos, como automáticos, por outras forças. Mas ignoram eles o número, a qualidade e a intensidade!

A desaparção quase completa do partido liberal vai repôr em Inglaterra o jogo parlamentar tradicional dos dois partidos. Mas há no novo elementos que se dispõem a prejudicar este jogo. São o instinto de classe, a amargura da derrota por causa dos chefes, o rancor guardado pelo autocentrismo brutal do patronato, e a emançipação progressiva dos indivíduos, com tendéncia cada vez mais forte para pensar e agir por seus próprios, sem chefes, e seguir segundo os bons conselhos do generoso Lafontaine: «trata tu, só, os teus negócios e não queiras procurador». «O nosso inimigo é o que nos ensina». O futuro continua a ser, apesar de tudo, de um mundo social novo.

(*) O facto de publicarmos, respeitando o original, esta opinião de Augustin Hamon, nem um ápice diminui a nossa total discordância. Visamos à destruição de todo o poder político, quer se designe como operário ou burguês, e à destruição de todo o sistema económico capitalista. Como destruir, sómente, não aproveita aos humanos, pugnamos por uma sociedade equitativa e fraternalmente constituída, na qual os interesses de classe ou de hierarquia não se sobreponham aos incontestáveis interesses e direitos dos indivíduos. — N. do T.

a nossa integridade física. O que é para causar espanto, visto não termos sido atingidos nas taus escolas sem Deus nem religião que são segundo os ultramontanos a origem de todas as virtudes e dedicações...

No hospital de Santa Marta

Inúmeras são as queixas recebidas neste jornal sob a forma como são tratados, na consulta externa de medicina geral do hospital de Santa Marta, os pobres doentes que ali se dirigem. Segundo os autores dessas queixas, os srs. médicos que ali fazem serviço não atendem com o devido carinho os enfermos que os procuram, demorando duas e três horas sem necessidade de maior e apenas porque na hora da consulta os clínicos fazem "férias" e descretem sobre coisas frivolas, enquanto os doentes esperam. Bom seria, para evitar a repetição dos casos que acabamos de referir, que cada dia lustrasse os serviços do simpático hospital de Santa Marta, que os corpos directivos da Faculdade de Medicina tomasssem na devida conta o que acabamos de narrar.

Silvério dos Santos

Silvério dos Santos, o activo militante da organização sindical dos corticeiros, contra-estava no enfermaria de São Sebastião, numa 29, do hospital de São José. Uma perigosa enfermidade, que obriga a uma rápida intervenção cirúrgica, conduziu aquele nosso camarada a um cativeiro do hospital. Por esse motivo a classe corticeira, durante algum tempo, ficará privada do concurso desse valioso elemento, concurso que tem prodigiosamente a numerosa corporação das mais caras regalias que hoje gosta. Oxalá que Silvério dos Santos, na plenitude da sua vida, possa em breve regressar às lides sindicais, onde todos anseiam por vê-lo a seu lado.

Ideas... ideas.

O orador, à guisa de réplica, proferiu as seguintes palavras:

O que eu desejava era que se discutissem as ideias que eu apresento.

cendo interesse para a nossa reportagem.

A's 22,30 horas abriu a 3.ª sessão do Congresso Socialista.

Na presidência o sr. José de Oliveira Pinto, secretariando os srs. Xamiro da Silva Massano e José Augusto de Almeida.

Depois da monótona leitura da acta, foi desvelado o retrato de Pablo Iglesias, cujo elogio foi feito pelo sr. Fernandes Alves.

O dr. Amâncio de Alpoim falou também sobre o valor intelectual do homenageado a quem considerou um Santo da Causa.

Entrou-se depois na ordem de trabalhos: discussão e votação do regulamento parlamentar e eleição da Confederação Nacional.

A discussão foi longa e a eleição terminou a hora muito adiantada.

O professor Ladislau Batalha abandonou o Partido

O professor Ladislau Batalha, velho elemento do Partido Socialista, enviou-nos, com o pedido de publicação, cópia de uma carta que enviou à mesa da assembleia do Congresso do P. S. P., cuja redacção é a seguinte:

Presadas compaheiros:—As últimas liberações do Congresso do P. S. P. vieram revelar-me, embora indiretamente, a existência de cargos perpétuos e honorários dentro do Partido Socialista Português, confirmar a continuação em vigor de um regulamento de carácter e fórmulas despoticas, que constituem a negação mais perniciosa dos princípios fundamentais de todo o socialismo.

Nestas circunstâncias, sentindo-me incomodado com as normas adoptadas, às quais não posso nem devo submeter-me, venho muito respeitosamente depor na mesa da assembleia do P. S. P., a minha filiação partidária, desligando-me assim de todos os Centros e respectivos encargos, a fim de poder coerente e honestamente continuar a manter os princípios socialistas cujos ideais tenho sempre vindo a apostilar e continuarei.—Saúde e emancipação.—Vossa e da Causa Social.—Ladislau Batalha.

Em face da afrontosa lei de imprensa

Reunião da representantes de jornais

Ontem, às 13 horas, reuniram-se na sede do Jornal do Comércio e das Colônias, os directores dos jornais de Lisboa para apresentar a nova lei de imprensa, integralmente publicada em algumas gazetas. A reunião presidiu o sr. Alberto Bessa que se referiu desgostosamente às disposições do diploma do ministério da Justiça, sendo todos os assistentes unâmes em reconhecerem que a aceitação da nova lei impõe um regime asfixiante das mais coesas liberdades de expressão de pensamento e uma dispersa distribuição de responsabilidades atentatória ao equilíbrio moral interno da vida da imprensa.

Foi resolvido por unanimidade nomear uma comissão para se avisar com o ministério da Justiça a-fim de procurar conseguir daquele titular a suspensão da publicação da lei até que a imprensa pudesse fazer-lhe um exame minucioso e apresentar os seus pontos de vista em oposição ao draconianismo de algumas disposições.

A 18 horas voltaram a reunir-se os representantes da imprensa, expôndo a comissão antes nomeada que o ministro da Justiça lhes responderia que a nova lei de imprensa seria publicada ontem mesmo, prometendo no entanto que a execução da lei seria suspensa por oito dias, tempo suficiente para que as empresas jornalísticas façam o seu exame e apresentem as alterações que julguem convenientes, comprometendo-se elas a apresentá-las em reunião do conselho de ministros, não tendo, por sua parte, relutância em as aceitar se forem razoáveis.

A comissão nomeada vai imediatamente iniciar o seu estudo ao diploma do sr. dr. Manuel Rodrigues Júnior, devendo muito brevemente voltar a reunir para se apreciar o resultado.

A altitude dos profissionais da imprensa

A direcção do Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa, ontem reunida extraordinariamente para apreciar o diploma que establece o novo regime legal da imprensa, deliberou:

1.º Protestar com veemência contra as disposições desse diploma, que coartam o exercício da actividade profissional, e que vêm agravar a situação que a Imprensa tinha sido criada pelo decreto de 28 de Outubro de 1919;

2.º Repelir o princípio que comina a pena de suspensão aos jornais, que representam uma ameaça constante às condições económicas, não só dos profissionais da Imprensa, como de todos os trabalhadores das artes gráficas, que dão o seu concurso à imprensa periódica;

3.º Reservar-se o direito de promover uma reunião magna da classe, no caso do referido diploma entrar em vigor tal como é do conhecimento público, e

4.º Congratular-se pelo facto do Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa, bem como a Casa dos Jornalistas, únicas associações de classe de trabalhadores da imprensa que existem em Portugal, não serem chamadas a fazer parte do juri encarregado de julgar pretensos delitos por abuso de liberdade de imprensa.

Vendedores de jornais

A direcção da Liga dos Vendedores de Jornais de Lisboa, justamente alarmada com a nova lei de imprensa que, especialmente, nos seus artigos 10.º e 20.º atribui responsabilidades ao vendedor de jornais pela matéria nos mesmos contida, impondo-lhe penalidades que se não coacunam com a irresponsabilidade inherentemente à função do vendedor de jornais, protesta indignadamente contra tão tirânicas disposições legais.

Assinar

"Os Mistérios do Povo"

TEATRO AVENIDA
Tele. II. 4555

A SENSACIONAL PEÇA

O Dr. da Mula Ruça

12 números de música 12

Orquestra Jazz-Band

Hj. ás 21.30

EM DEFESA PRÓPRIA

Como se fabrica um "legionário vermelho"

Recebemos a seguinte carta que, malgrado a sua extensão, reproduzimos integralmente, sem lhe adicionar o menor comentário:

Os individuos de quem me vou ocupar, primordiais factores da minha prisão e envolvimento na tão decantada quinzenária "legião vermelha", são tartufos do pior jaze, como os leitores passarão a ver pelo que segue.

Como porém os leitores podem ficar com algumas dúvidais do que afirmo, desde já vos garanto sob minha sincera palavra de honra que o que segue é rigorosamente verdadeiro.

São eles: Joaquim Ribeiro de Carvalho, poeta, jornalista e deputado por Leiria, de onde é natural meu ilustre padrinho de casamento, e Otelo Ferreira Bizarro da Silva Pereira, agente da polícia de investigação criminal de Lisboa conterrâneo do primeiro. Ribeiro de Carvalho mora na Avenida Almirante Reis, 25, 4.º D. e Otelo Ferreira Bizarro da Silva Pereira, na rua do Cardal, (à Graça), 7, 2.

Conheço pessoalmente Ribeiro de Carvalho, desde fins de 1919 e por motivos que não vêm agora para o caso, acompanhando-o, dia a dia, até pouco antes da minha prisão, que se deu a 8 de Julho de 1925.

Este indivíduo, que outrora, quando parecia um foragido do hospital do Régio, se dizia anarquista, foi-se tornando, à medida que ia engordando e engredendo de corpo e alma, republicano e cada vez mais conservador.

Ele é, segundo uma campanha, que lhe moveu em 1921 o dr. Manuel Alegre, reforçada depois pelo conhecido republicano Américo de Oliveira e outros, o matador de dois padres, em Arroios, por ocasião do 5 de Outubro de 1910, morte, esta que não se teriam dado em luta legal, mas sim traçoeiramente, devido aos seus instintos perveros, campanha essa, para a qual, a pensar de ter mendigado entrevistas e defesas nos jornais a *Época* e a *Imprensa da Manhã*, a última das quais se deu a convite dêle, numa casa sua do Cacém, não encontrou outro argumento que não fosse vir a público—vêde bem a indole dêle—declarar que já uma vez, para acudir às necessidades de Américo de Oliveira, havia empunhado uns objectos sens. Esta só a sua defesa, ao mesmo tempo que tratou de se rodear de inumeros guarda-costas, não fosse a público—vêde bem a indole dêle—declarar que já uma vez, para acudir às necessidades de Américo de Oliveira, havia empunhado uns objectos sens.

Esta minha atitude não lhe agradava muito e então o "Maputo" resolveu utilizar-se de todos os processos para escandalizar a minha vida e o meu lar.

A tarefa, porém, era um tanto difícil e por isso foi revestida da máxima prudência e todas as cautelas para que só desse o efeito na altura que eu estivesse seguro, ainda que para tal fosse preciso, mandar-me liquidar.

Comeguei em Julho de 1924 e aproveitei para isso o facto de eu ter desempregado.

Então apresentou-me a Raúl Monteiro Guimarães, ao tempo administrador da Companhia Nacional de Moagem, dizendo-lhe que eu era uma criatura do jornal *A Batalha* e tinha no meio operário grande influência, etc. etc., pelo que era do máximo interesse encaixar-me lá na Moagem, falei com este cavalheiro por três vezes na Avenida Paixão e prometi-lhe efectivamente colocação.

Extranhei é claro que, sendo Ribeiro de Carvalho, íntimo da Moagem, lhe fosse preciso valer-se do nome de *A Batalha* para me apresentar, mas disse-me que só assim se conseguiria colocação.

Depois, como mudassem os administradores da Companhia, fui apresentado nas mesmas condições, mas por carta ao dr. Virgílio Bugalho Pinto, que passou a ser um dos administradores, o qual me prometeu o mesmo que o primeiro, mas quando a ocasião se proporcionalizasse.

Então em Outubro propoz-me um rendoso empregado em África, e como eu lhe fizesse sentir que tinha minha esposa doente, disse-me: V. faz fortuna em 3 ou 4 anos.

Deixa cá a sua esposa, tanto mais que tem a garota, e eu sei que ela quer ir com V.

Querei dizer que, sendo Ribeiro de Carvalho, é dos que escaparam no 19 de Outubro, para o que teve de se refugiar, primeiro numa casa próxima do Matadouro, depois em casa dum titular mórquico, ali na Avenida da Liberdade.

Acompanhei-o como sempre, nesta sua fuga e vi bem pela sua atrapalhosa, que algo lhe pesava na consciência. Fui até, no primeiro dia do movimento, percorrer o que se passava no quartel da G. N. R., ao lado da Penitenciária, por ser ali a concentração das forças revolucionárias, para o informar depois, ouvi-o muita vez dizer, se bem que não acreditasse, confessar, rindo até dizer seu dito, o seguinte: «Já não sou republicano... Nunca mais.»

Isto passava-se num segundo andar dum prédio na Avenida, e por cima dum levar de cima nacionalidade me não recordo, para no caso de perigo ter só de escalar a escada.

Enfim, não só neste movimento, como em todos os demais, ou sempre que dêles se suspeitava, eu lá estava pronto para o que desse e viesse, deixando minha esposa em casa, para o acompanhar noites e dias seguidos que mais tarde me havia de arranjar esta prisão como "legionário vermelho".

Dizem-me aqui do lado que não, e então lide só é pequeno período que é bastante ilustrativo:

Ribeiro de Carvalho tem uma filha, cuja mãe, uma senhora de idade, faz há anos de governante da casa, porque o bistro arranjou uma amante que levou há longos anos para casa e com a qual casou há pouco.

Lá vivem todos em comum, como se isto fosse o caso mais natural.

Que dôr não deve ser a daquela senhora que só para garantir o futuro da filha a tal se sujeita? Passamo-nos pois adiante.

O fim dele, como já disse, era seguir-me e assim deu-me primeiro a Moagem, que possui uma polícia sua, como sendo "da Batalha" e perigoso, para que a mesma informasse a P. S. E., e eu pudesse ser liquidado na primeira altura.

Depois, como isso pudesse demorar, queria mandar-me para a África.

Apareceu porém nesta altura a já tão célebre "Legião Vermelha", pôco sem fundo onde fatalmente se perceberia afogado e cis o bistro a empurrar-me para lá.

Como?... Não o sei bem, mas o que sei é que fui avisado por várias criaturas, de que em plena ruia do Ouro, dois agentes da polícia prometiam a mesma sorte que teve o infeliz Domingos Pereira.

Não acreditei a princípio, mas pouco depois as informações tornavam-se mais amplas e de fonte mais segura e então resolvi retirar-me provisoriamente de Lisboa, até que me averiguasse de que se tratava.

Porém, ao regressar fui preso pelos agentes Paulitos, Otelo Pereira, Lains e Campino.

Otelo Pereira e o seu colega Lains pareciam vomitar metralha e então eu vi este caso interessante:

Sendo Paulitos o agente que dirigia as investigações a meu respeito e sendo tido como um agente dos maiores bábares, abandonou ao fim de 4 dias as investigações e estas ficaram entregues ao Otelo. Porquê?

E' fácil responder.

Paulitos verificou nada haver que me pudesse comprometer e então repugnando-lhe dirigir uma autêntica canibalice desligou-se. Ficou então Otelo Pereira, que logo de entrada me havia dito que usava duas pistolas e precisava de as experimentar.

Este bandido é o mesmo que, quando amanheceu da Câmara do Barreiro, se pronunciou mediante uma esportiva qualquer a chicotear um preso, o que efectivamente fez, dando-lhe náus, menos que 51 chibatadas de cavalo marinho, pelo que o povo se revoltou e ele teve de fugir covardemente para não ser linchado e pelo que foi demitido.

Se até declarou nessa altura que precisava de arranjar dinheiro fosse de que forma fosse, pois se ia casar.

O que admira, pois, agora, que ele se vendesse a Ribeiro de Carvalho ou à Moagem para me liquidar, ele que já matou ou contribuí para a morte de Domingos

Paulitos, do Seco lo p para o teatro São Carlos, indo também assistir a parte do espectáculo, só para se fazer—palavras dêle—com a mulher. A sua paixão, porém, é por garotas e só este assunto dava um livro.

Resumindo, pois:

Em 1924, comecei a falar com uma pequena de 17 anos, que me não largava. Por tal motivo teve que ser apresentada ao R. de Carvalho, que a achou muito interessante e com uns olhos muito bonitos.

Pois uma vez teve este desplante: Celso! v. querer a garota só para si?

Olhei-o, sorri-me e disse-lhe secamente que isso não era comigo.

Pedi-lhe então, como de resto já me tinha pedido mais vezes, que lhe arranjasse garotas, pois ele pagaria o automóvel e iríamos dar passeios fora de Lisboa.

E' bom notar que ele tem uma casa e quinta, a da Bela Vista, no Cacém, que tem sido um completo serralho. Chegou mesmo a propor-me para se montar um atelier de modista, a-fim de mais facilmente arranjarmos garotas, pois se iríamos despedindo à medida que nos fôssem enjoando, admitindo-se outras, para as substituir. Ria-me com isso, blagueava, mas recusei sempre compartilhar de tal empresa.

Esta minha atitude não lhe agradava muito e então o "Maputo" resolveu utilizar-se de todos os processos para escandalizar a minha vida e o meu lar.

Então apresentou-me a Raúl Monteiro Guimarães, ao tempo administrador da Companhia Nacional de Moagem, dizendo-lhe que eu era uma criatura da *A Batalha* e tinha no meio operário grande influência, etc. etc., pelo que era do máximo interesse encaixar-me lá na Moagem, falei com este cavalheiro por três vezes na Avenida Paixão e prometi-lhe efectivamente colocação.

Comigo em Julho de 1924 e aproveitei para isso o facto de eu ter desempregado.

A tarefa, porém, era um tanto difícil e por isso foi revestida da máxima prudência e todas as cautelas para que só desse o efeito na altura que eu estivesse seguro, ainda que para tal fosse preciso, mandar-me liquidar.

Então apresentou-me a Raúl Monteiro Guimarães, ao tempo administrador da Companhia Nacional de Moagem, dizendo-lhe que eu era uma criatura da *A Batalha* e tinha no meio operário grande influência, etc. etc., pelo que era do máximo interesse encaixar-me lá na Moagem, falei com este cavalheiro por três vezes na Avenida Paixão e prometi-lhe efectivamente colocação.

Comigo em Julho de 1924 e aproveitei para isso o facto de eu ter desempregado.

A tarefa, porém, era um tanto difícil e por isso foi revestida da máxima prudência e todas as cautelas para que só desse o efeito na altura que eu estivesse seguro, ainda que para tal fosse preciso, mandar-me liquidar.

Então apresentou-me a Raúl Monteiro Guimarães, ao tempo administrador da Companhia Nacional de Moagem, dizendo-lhe que eu era uma criatura da *A Batalha* e tinha no meio operário grande influência, etc. etc., pelo que era do máximo interesse encaixar-me lá na Moagem, falei com este cavalheiro por três vezes na Avenida Paixão e prometi-lhe efectivamente colocação.

Comigo em Julho de 1924 e aproveitei para isso o facto de eu ter desempregado.

A tarefa, porém, era um tanto difícil e por isso foi revestida da máxima prudência e todas as cautelas para que só desse o efeito na altura que eu estivesse seguro, ainda

AGENDA
CALENDARIO DE JULHO

T.	6	13	20	27	HOJE O SOL
Q.	7	14	21	28	Aparece às 5,18
Q.	1	8	15	22	Desaparece às 20,4
S.	2	9	16	23	30
S.	3	10	17	24	31
D.	4	11	18	25	L. C. dia 27 às 11,49
S.	5	12	19	26	Q. M. 5 + 3,15

MARES DE HOJE

Praiamar às 6,09 e às 3,36
Baixamar às 11,39 e às ...

CÂMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	9475	
Madrid cheque	3812	
Paris, cheque	553	
Stocic	378	
Bruxelas cheque	52	
New-York	1955	
Amsterdão	7585	
Itália, cheque	70	
Brasil	315	
Praga	558	
Suécia, cheque	524	
Austria, cheque	2777	
Berlim,	467	

ESPECTÁCULOS

TEATROS
Trindade—A's 21,30—O Patriota.
Politeama—A's 21,30—O Léão da Estrela.
Espanha—A's 21,30—O Dr. da Mula Ruiva.
Marília VII Orfeu—A's 21 e 22,45—O Az de Es-
padas.
Variedades—A's 21,30 e 22,45—O Pô de Arroz.
Salão Vos—A's 21—Variedades.
Cinema Espanha (A Graca)—Espectáculos às 3,
... sábados e domingos com matinées.
Teatro Espanha—todas as noites. Concertos 3 di-
visões.

CINEMAS
Tivoli—Olimpia—Central—Condes—Chiado Ter-
ras—Ideal—Arco Bandeira—Promotora—Esperança
—Torreto—Cine Paris.

LIMAS NACIONAIS

MARCAS REGISTADAS
UNIÃO
MARCAS REGISTADAS
UNião Tomé Peixoto, Ltda., realizam empre-
sas que se encontram em todos os países
brasileiros, para a venda em todos os países
brasileiros.

FATOS A 220\$00 feito por me-
dida, em boas casem-
ras. Recebem-se fatos
a feito e forros por
1.500.— ALFAIATARIA
IAS, 84, Rua de D. Pe-
dro V, 86.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 34 desta revista
intitulado *El otro amor* de Federica Mont-
seny.—Preço, \$50.—Pedidos à adminis-
tração de *A Batalha*.

História Universal del
Proletariado

Veinte siglos de opresión capitalista.

Esta publicação em língua espanhola que se encontra à venda na nossa administração, é o relato histórico, documentadíssimo e detalhado das lutas originadas pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros séculos da civilização.

Cada fascículo de 48 páginas. 1000; pelo cor-
reio, registrado, 1450.

Estão publicados os seguintes fascículos:

1.—La era de la esclavitud;
2.—La rebelión de Espartaco;
3.—Abolición de la esclavitud;
4.—Abeycción y Servidumbres;
5.—La revolución de los siervos;
6.—La miseria de los agricultores;
7.—Transformacion del Poder Feudal;
8.—El comunismo cristiano;
9.—Los miserables en la Edad Media;
10.—La libertad ilusoria;
11.—La agonía del absolutismo;
12.—El trabajo motor universal;
13.—El imperio de la guillotina;
14.—Las ideas sociales y la revolución francesa.

LER E ASSINAR
Os Mistérios do Povo

"A BATALHA" no Funchal vende-se
No Bureau de La Presse.

Raul é capaz dos maiores sacrifícios para representar dignamente o seu senhor, o nosso grande rei; é capaz até de dominar os seus sofrimentos, quer físicos quer morais...

—Desculpai-me, minha tia, mas eu não comprehendo bem as vossas palavras... Não sabia que meu irmão estava encarregado duma missão política.

—E contudo não há nada mais simples!... Vosso irmão, encarregado dum missão política junto do rei Carlos II, durante a ausência do sr. de Croissy, embaixador de França, representa em Londres Sua Maestade Luis XIV. Neste caso meu sobrinho, qualquer que seja a amargura do seu sofrimento, deve dissimular-a aos olhos da corte inglesa, a-fim de não deixar que nenhum cortezão inglês lhe passe adiante em graça, espírito e alegria. Ele tem de continuar a eclipsá-los, para honra do rei seu senhor. E' assim que ele entende cumprir os seus deveres junto do rei Carlos de Inglaterra... Mas, já que falámos do bom rei Carlos... o nome d'este galante e alegre príncipe faz-sos voltar ao assunto da nossa conversação de que nos gesviou este longo parêntesis a respeito de meu sobrinho; eu repito-vos o que há pouco a vossa distração vos não permitiu que ouvisseis, a respeito da bela bretã...

—Que dizéis então, minha tia?

—Dizias que havieis de confessar que era digna de inveja a sorte da menina de Kéroualle, hoje duquesa de Portsmouth, e uma das maiores damas de toda a Inglaterra. E' invejável a sua feliz sorte, pelo favor de que ela foi objecto.

A menina de Plouerel estremeceu; coloriram-se-lhe as feições, ordinariamente pálidas; encresparam-se-lhe as negras sobrancelhas; e, olhando para a mar-queza com grande espanto, disse:

—E' a mim que afirmais ou perguntas isso?

—Mas que surpresa é essa, minha querida Berta?

Perguntáss-me a mim, se é digna de inveja a sorte da menina de Kéroualle?

—Sem dúvida. E' acho bem natural a pregunta

CONSELHO TÉCNICO
DA
CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os gêneros, jazigos em todos os gêneros, logões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e marmores de todas as provéniências.

Telefone — 539 Trindade
Escritório:
Calçada do Combro, 38-A, 2°

FATOS
completos e
sobretudos

em bom cheviote, com bons forros e bom acabamento, para homem, desde

129\$00
Calças desde 35\$00

Grande sortido de fatos e sobre-
tudos, feitos e por medida

Abatimentos para revenda
170, Rua da Boa Vista, 172

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Nar-

cas, 8 horas.

Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 horas.

Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10 horas.

Pele e sifilis—Dr. Correia Figueiredo—11 e às

Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—2 horas.

Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.

Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—12 horas.

Estômago e intestinos—Dr. Mendes Belo—3 horas.

Doenças das senhoras—Dr. Emílio Paiva—2 horas.

Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso—12 horas.

Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—5 horas.

Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.

Côlon e rádios—Dr. Carvalho Melo—4 horas.

Raio X—Dr. Aleixo Salomão—4 horas.

Análises—Dr. Gabriela Beato—4 horas.

SOFRE DE COMICHE DE provocada pelo ECZEMA
ONDE CAS DE PELE? A aplicação de umas gotas de "HERPETOL" fará desaparecer rapidamente a comichão.

O "HERPETOL" CURA: A ateujo os temos os im-
meros pedidos recebidos desde que foi lançado no

mercado este medicamento, que tem realizado CURAS MARAVILHOSAS. A ação do "HERPETOL" é

muito poderosa, penetra na pele e ataca os germes

que se encontram nas tecidos, os quais são a causa

de todo o mal.

É muito eficiente. Ele é um ótimo remédio para

limpar a pele de ESPINHAS, ERUPÇÕES, MOR-

DEURAS DE INSECTOS, ECZEMAS, HUMIDO-

SECO E ROSTROS DURAS.

Não heje e compre um frasco de "HERPETOL", medo de que ele não apareça.

A venda nas principais farmácias e nos depósitos, em Lisboa, Rua da Prata, 257, 2.º.

Espanhol sem mestre

Por Gonçalves Pereira. Compre-se um

exemplar desta obra. Quem tiver e queira vender, indique preço e a direção para esta administração, as iniciais R. C.

"Educação Social"

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. ADOLFO LIMA

Publicado mensal

Redacção e administração—Empresa Literária Fluminense, Limitada—R. dos Re-

trozeiros, 125—LISBOA.

A venda na administração de "A

Batalha.

A VENDA A 10.ª SÉRIE
DE OS MISTÉRIOS DO PVO

Interessante romance histórico profi-

samente ilustrado desde as primeiras

idades do homem até à revolução

Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10

tomas com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no gênero se publica

PLANTAS, livro útil ás boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50.

Pedidos à administração de "A Batalha"

ou no Cais do Sodré, 82

Pedidos à administração de "A Batalha"

ou no Cais do Sodré, 82

Pedidos à administração de "A Batalha"

ou no Cais do Sodré, 82

Pedidos à administração de "A Batalha"

ou no Cais do Sodré, 82

Pedidos à administração de "A Batalha"

ou no Cais do Sodré, 82

Pedidos à administração de "A Batalha"

ou no Cais do Sodré, 82

Pedidos à administração de "A Batalha"

ou no Cais do Sodré, 82

Pedidos à administração de "A Batalha"

ou no Cais do Sodré, 82

Pedidos à administração de "A Batalha"

ou no Cais do Sodré, 82

Pedidos à administração de "A Batalha"

ou no Cais do Sodré, 82

Pedidos à administração de "A Batalha"

ou no Cais do Sodré, 82</

